

# O BRASIL DE LÚCIO COSTA NA ARQUITETURA: DO TRADICIONAL AO MODERNO E SUAS RESIDÊNCIAS UNIFAMILIARES - 1930 A 1960

**LÚCIO COSTA'S BRAZIL IN ARCHITECTURE:**  
*FROM TRADITIONAL TO MODERN AND HIS UNIFAMILIAR RESIDENCES - 1930 to 1960*

**EL BRASIL DE LÚCIO COSTA EN LA ARQUITECTURA:**  
*DE LO TRADICIONAL A LO MODERNO Y SUS RESIDENCIAS UNIFAMILIARES - 1930 a 1960*

**GICO, THALITA**

*Arquiteta e Urbanista, FCHE e thalitacolobo@gmail.com*

**SARAIVA, YURI**

*Arquiteto e Urbanista, UNIFG e saraivayuri18@gmail.com*

**MONTENEGRO, SUZANA**

*Professora Titular do Departamento de Engenharia Civil, UFPE e suzanam.ufpe@gmail.com*

## RESUMO

No período em que surge o modernismo no Brasil, um movimento que se caracterizava por promover mudanças na sociedade e cuja ideologia vinculava-se à política desenvolvimentista do país, Lúcio Costa abordou com maestria a consolidação desse movimento, representado significativamente através de suas obras residenciais unifamiliares. O artigo recompõe parte da periodização entre 1930 a 1960, elencando a praxis do arquiteto, bem como a transição do que era tradicional para o moderno, ou seja, a ruptura do movimento neocolonial e adesão ao modernismo, evidenciando suas residências neste dois momentos referenciados na arquitetura do Brasil. Buscou-se, neste artigo mostrar o estudo e análise das obras existentes, documentadas e registradas na literatura da Arquitetura brasileira, com o intuito de apresentar as encontradas no acervo bibliográfico, no que concerne às residências unifamiliares projetadas pelo arquiteto.

**PALAVRAS-CHAVE:** arquitetura brasileira; movimento neocolonial e moderno; mestres da arquitetura.

## ABSTRACT

In the period in which modernism emerged in Brazil, a movement characterised by promoting changes in society and whose ideology was linked to the country's development policy, Lúcio Costa masterfully addressed the consolidation of this movement, significantly represented through his single-family residential works. The article reconstructs part of the period between 1930 and 1960, listing the architect's praxis, as well as the transition from the traditional to the modern, in other words, the break with the neo-colonial movement and adherence to modernism, highlighting his residences in these two moments of reference in Brazilian architecture. The aim of this article is to show the study and analysis of existing works, documented and recorded in the literature of Brazilian architecture, in order to present those found in the bibliographic collection, with regard to the single-family homes designed by the architect.

**KEYWORDS:** brazilian architecture; neocolonial and modern movement; masters of architecture.

## RESUMEN

En el período en que surgió el modernismo en Brasil, un movimiento caracterizado por promover cambios en la sociedad y cuya ideología estaba vinculada a la política de desarrollo del país, Lúcio Costa abordó con maestría la consolidación de este movimiento, representado significativamente a través de sus obras residenciales unifamiliares. El artículo reconstruye parte del período entre 1930 y 1960, enumerando la praxis del arquitecto, así como la transición de lo tradicional a lo moderno, en otras palabras, la ruptura con el movimiento neocolonial y la adhesión al modernismo, destacando sus residencias en estos dos momentos de referencia en la arquitectura del Brasil. Se buscó, en este artículo presentar el estudio y análisis de las obras existentes, documentadas y registradas en la literatura de la arquitectura brasileña, para presentar las encontradas en el acervo bibliográfico, en lo que se refiere a las residencias unifamiliares proyectadas por el arquitecto.

**PALABRAS CLAVE:** arquitectura brasileña; movimiento neocolonial y moderno; maestros de la arquitectura.

## INTRODUÇÃO

Na história da arquitetura brasileira, Lúcio Costa, objeto de estudo deste artigo, encontrou-se vinculado a dois movimentos arquitetônicos em sua trajetória: o neocolonial que induzia a sua adesão no período de 1924 a 1930 e o outro moderno, no que se refere ao recorte temporal de 1930 a 1960, segundo Nery (2013). É na década de 1930 que o neocolonial e a Arquitetura Moderna entram em conflito, conforme Lago (2014), onde o estado novo favorece o apoio ao estilo modernista brasileiro, o qual via-o como um símbolo do progresso e modernidade. O Brasil muda, passa por transformações econômicas, socioculturais determinantes para a evolução do país e é no campo da arquitetura, que teve a influência de vários arquitetos estrangeiros, adeptos ao movimento, em conjunto com outros arquitetos brasileiros, que fizeram nome na história da arquitetura do Brasil como: Gregori Warchavchik, Le Corbusier, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, e outros.

Então, como Costa em suas obras residenciais lidou com a transição do que era tradicional e moderno na arquitetura brasileira? É no decorrer do trabalho que se verificou através do estudo interpretativo textuais na argumentação de vários autores a abordagem do pensamento do arquiteto na sua vida profissional, no momento da sua revolução e como encontrou razões para esta mudança por ele apresentadas, com a consagração teórica do seu uso na prática naquela época. Sem dúvida, para Lúcio foi a fase da transição das ideias neocoloniais, em detrimento às mudanças da mesma ao cenário da modernização, que se construía no país.

Diante do movimento moderno que marcou fortemente a história da arquitetura, Lúcio realizou verdadeiras revoluções no pensamento arquitetônico da história. Não criava apenas o que já existia no campo da arquitetura local, mas sim, buscava evoluir de forma contributiva para o que se apresentava na era neocolonial, com destaque para as residências unifamiliares, muito presentes na sua contextualização literária. E neste sentido Osório (2012) refere que, o conhecimento que Costa tinha da história da arquitetura, o permitia ter maior liberdade de expressão sem qualquer subserviência ligada ao passado.

O repúdio ao ornamento se ampliava à figura e a valorização à simplicidade, funcionalidade, integração, plantas e espaços livres cresciam nesse momento de transição na arquitetura brasileira. Portanto, a Arquitetura Moderna como uma importante vanguarda brasileira, marcada pelo advento da ciência, das novas tecnologias, da produção em massa e do crescimento desmesurado das cidades, incentivando uma ruptura com vários aspectos da tradição arquitetônica, no que se refere ao nível das formas, do uso dos materiais, e das suas consequências sociais, passou por essas variadas modificações com novos acertos e desenvolvimento no país, sendo respeitada mundialmente. E foi na busca de uma nova identidade para a casa brasileira que estas transformações surgiram, tendo como representatividade a casa modernista do arquiteto no novo cenário que iniciava no país, mostrando ao mundo um modelo novo, uma nova forma de viver e de morar utilizando os materiais existentes no Brasil à adaptação climática brasileira.

Buscou-se resgatar a importância do papel intervencionista do arquiteto e urbanista Lúcio Costa, frente às residências unifamiliares, respaldado na sua visão entre o tradicional e o moderno, como grande precursor dessa arquitetura, elencando os episódios histórico-culturais mais relevantes que levaram a evolução, disseminação e consolidação da Arquitetura Moderna no Brasil; explicar a visão neocolonial e modernista

de Lúcio Costa, contextualizada nas obras textuais representadas nos dois momentos importantes e distintos da arquitetura, evidenciando as principais residências apresentadas por este arquiteto.

A metodologia foi realizada de forma exploratória, através de uma revisão literária, com o intuito de aprimorar as ideias do artigo de modo mais flexível sem um rigor bibliográfico e fotográfico, com considerações variadas em relação ao estudo no que concerne ao levantamento bibliográfico. Os procedimentos metodológicos deste trabalho estão fundamentados na busca através da consulta em livros, artigos científicos, teses, periódicos, revistas e sites sobre a temática estudada, apontando as bases textuais e projetuais de Lúcio Costa.

## TRADIÇÃO E MODERNIDADE “PARÂMETRO GERAL”

Do pensamento conservador em oposição ao neoclassicismo, bem como, ao ecletismo dominante nos primeiros anos do século XX, e também em uma fase com predominantes expressões arquitetônicas europeias, nascia o movimento neocolonial. Conforme Carvalho (2002), surgia como uma proposta num ambiente onde a discussão de ideias estava ligada à negação de um passado puramente colonial, eclético, que não apresentava mais valor de historicidade e exatamente em um momento presente que buscava, numa tradição de pouca memória, meios para o novo cenário arquitetônico nacional na época, uma arquitetura que pudesse ser definida como nativa.

O movimento neocolonial traria em seu âmago o desejo de renovação artística, resgatando referências deste passado, mas apontando um caminho para o futuro, abrindo as portas para a liberdade criadora dos arquitetos, desvinculando a arquitetura nacional do Ecletismo importado. “O neocolonial encontrou sua justificativa na ânsia de buscar, nas formas construtivas tradicionais do Brasil, uma arquitetura que pudesse ser definida como genuinamente autóctone” (KESSEL, 2001, p. 173).

Sendo um termo utilizado para designar o movimento que pregava manter o modelo de uma tradição arquitetônica nacional no país, o neocolonial expunha um desejo do renascimento da tradição das antigas colônias europeias, como exemplo Portugal, através da criação de padrões arquitetônicos que referenciavam os elementos da arquitetura colonial em conjunto com elementos da arquitetura brasileira, criando uma nova forma de vislumbrar a arquitetura que surgia no Brasil. Para os protagonistas do neocolonial, o movimento era considerado como um estilo novo e moderno na atualidade da época. Então, o neocolonial se expandia, saindo um pouco da classe burguesa elitizada e popularizando-se. Era a contribuição que a arquitetura brasileira apresentava para o mundo nesse período.

Na arquitetura brasileira o neocolonial era ao mesmo tempo busca e encontro, processo e produção construída que representava uma preocupação, não só para muitos arquitetos, principalmente no pós-guerra mundial no Brasil, como também, para muitos intelectuais de forma geral. Para Alessi e Perrone (2014), nesse momento, Lúcio Costa, com escola no neocolonial, alinhado às ideias de José Mariano e a Sociedade Brasileira de Belas Artes, que empenhados na divulgação e propagação do movimento neocolonial, patrocinaram as viagens dos arquitetos para a documentação de elementos significativos da arquitetura colonial desse período, bem como, para o estudo das estruturas das obras reproduzidas no período colonial, com o objetivo de adquirir dados substanciais para os projetos neocoloniais.

Então, Costa, envereda-se por algumas localidades do país, principalmente em Minas Gerais, adotando este movimento nos seus primeiros anos de carreira e trazendo uma bagagem neocolonial com construção de obras decorosas, que apresentava em suas características a presença de telhados planos e de beirais, frontões curvilíneos, galerias cobertas com arcadas, pináculos e colunas toscanas, telhas-canal, estruturas trabalhadas em argamassa, gelosias e muxarabis, principalmente em suas obras residenciais, com presença de janelas e ornamentos do período neocolonial. Costa se apropria da estrutura conceitual das formas do passado a fim de estabelecer e afirmar, em desenho e em palavra, suas teorias evolutivas a respeito da arquitetura brasileira. Portanto, de acordo com Oliveira (2014), em um artigo publicado no jornal “A Noite”, Costa em 1924 registra:

Encontrei nessas cidades [...] uma infinidade de detalhes interessantíssimos [...]; assim como certos elementos de influência hispano-árabe que, note-se bem, devem ser aproveitados com muito cuidado para que se evite todo e qualquer cunho descabido de orientalismo em nossas construções. Foi uma revelação: casas, igrejas, pousada dos tropeiros, tudo de pau-a-pique, ou seja, fortes arcabouços de madeira – esteios, baldrames, frechais – enquadrando paredes de trama barreada, a chamada taipa de mão, [...] (COSTA, 1995, p.27).

E é nesse contexto que ser neocolonial, era uma possibilidade de fazer com que a cidade brasileira supostamente voltasse a ser homogênea e essa ideia foi fortemente aplicada pelos estados brasileiros, que sancionaram leis governamentais e concursos, em que escolas públicas, órgãos públicos, museus, hospitais e clubes deveriam ser construídos no molde neocolonial, ou seja, em arquitetura tradicional brasileira da época em questão, tornando-se o símbolo da nacionalidade e também trazendo a originalidade dos valores construtivos brasileiros refletidos, principalmente, na arquitetura residencial.

Em todas pesquisas até a atualidade, Carlucci (2005) refere que, a tendência neocolonial de Costa surge em seus projetos residenciais entre 1924 a 1930, referenciado como as únicas experiências do arquiteto no movimento neocolonial do Brasil, ao mesmo tempo que Bruand (2012), destaca que a sua formação parcialmente europeia, a segurança de seu gosto, a sua simplicidade e o apoio de José Mariano, foram essenciais para a rápida ascensão de Lúcio, que em conjunto com Fernando Valentim, projetou e construiu várias casas de estilo neocolonial, pois já apresentava em seu âmago o germe da evolução, o qual anos mais tarde o levou até a nova arquitetura.

Comas (2002) argumenta que, a revolução na arquitetura brasileira se deu na década de 1930, e que os desafios desta década não eram menores que os de 1920, sendo a primeira uma década de desenvolvimento e a outra de surgimento. Ainda neste momento revolucionário na arquitetura brasileira, a revolução de Costa se iniciou com a introdução da Arquitetura Moderna no Brasil em oposição ao nacionalismo tradicionalista do neocolonial, culminando no país a tendência corbusiana na vertente brasileira, quer dizer, Costa realizou verdadeiras revoluções no pensamento arquitetônico da história da Arquitetura Moderna, criou uma arquitetura essencialmente brasileira, a partir dos princípios modernistas internacionais frente à realidade Nacional da época, utilizando-se de materiais próprios do país, através de adaptações quando necessárias.

O movimento modernista surgiu durante a Semana de Arte Moderna em São Paulo e da comemoração do Centenário da Independência no Rio de Janeiro, em meio à busca de respostas a insatisfação, ao descontentamento de muitos intelectuais da época, da elite brasileira, a outros movimentos, como o neocolonialismo. Significou o início da ruptura com os modelos artísticos convencionais, mesmo neste período existindo ainda um misto de modernidade e padrões ligados à tradição europeia. Na visão de Coelho (2021), a semana aconteceu entre os dias 13 e 18 de fevereiro, com a proposta de explorar a brasilidade e valorização do território nacional, apresentando um momento de busca, de autoquestionamentos, com perguntas como: Quem somos? Temos uma cultura própria? Será que temos uma arquitetura própria? Tendo grande importância para a visibilidade do modernismo, do novo. Este movimento foi uma tendência artística do século XX com o destaque de obras críticas e revolucionárias, no mesmo período em que o mundo estava passando por transformações tecnológicas e posta em evidência a desigualdade social.

A ideia surge, cresce e vai adiante, de forma inovadora e original, ocorrendo vários equívocos, discordâncias e discursos regionalistas da nacionalidade, cultura, tudo estava em debate, foi uma semana realizada entre aplausos e descontentamento de vários profissionais na época e do público que denominava os intelectuais envolvidos, como os “futuristas” da Semana de Arte no Brasil. O país tentava conquistar sua independência cultural desvinculando-se das formas artísticas existentes na época que ditavam o modismo aos padrões tradicionais. Então a semana foi um ponto de partida para iniciar uma discussão em 1922 e apenas alguns anos após, é que o movimento moderno na arquitetura começou a fluir com mais ênfase e imersão no Brasil.

Com isso, a arquitetura brasileira do período neocolonial desencadeou um processo evolutivo em direção ao desenvolvimento das primeiras concepções do movimento modernista. Mediante Conduru (2009), o neocolonial perde sua posição dominante e nasce o modernismo na arquitetura, nas artes em geral, levando ao surgimento da Arquitetura Moderna do Brasil. Mesmo que a arquitetura neocolonial e a Arquitetura Moderna muitas vezes caminhassem lado a lado, ligadas à busca da defesa de uma expressão artística da cultura nacional do país e da realidade brasileira, foi nesse momento, que apesar de todas as influências

estrangeiras existentes na época, o pensamento dos arquitetos brasileiros tornou-se livre e criou referências excepcionais na arquitetura da era moderna.

O reconhecimento da arquitetura moderna brasileira, segundo Cheregati (2010) descreve que, surgiu por volta de 1930 a 1960, a qual foi vista mundialmente pela sua originalidade, pelo aspecto cultural, desenvolvido pela sua história, sua cultura e seu significado, com a utilização de materiais regionais. A arquitetura da casa moderna vista na ocasião, era construída nos moldes modernos sem esquecer suas tradições, mesmo com uma mão-de-obra pouco especializada, sem grandes padrões tecnológicos para a época, ela seguia novos preceitos de transformação que, associado aos processos de composição e construção, ligados ao uso de nova tecnologia, novos materiais como o ferro, o vidro e o concreto, associada também a preocupação com as noções de iluminação, ventilação e ligação entre interior e exterior por meio de pátios ou de pavimentos sobre pilotis, admitia uma casa solta dos limites do lote, afastada da rua e tornando-se livre para criações independentes.

Nesse momento, a Arquitetura Moderna encontrava-se representada e implantada no Brasil através da residência moderna, a qual estava vinculada a atender às novas necessidades da família brasileira, bem como da sociedade industrial. Para Silva e Gielfe (2019), a casa tradicional de paredes autoportantes, foi substituída por estrutura de concreto armado, sem ornamentos e com mais pureza em suas formas. As normas de convívio, conforto e bem-estar surgiram alinhadas ao desenvolvimento de novas técnicas construtivas, com uma nova distribuição dos ambientes, gerando um novo espaço de convivência familiar, formando um único ambiente, que comportava zona de estar e lazer da família, ao invés de um espaço separadamente, como ocorria nas casas tradicionais da década de 1920.

A caracterização da arquitetura moderna brasileira se deu pelo processo de técnicas que possibilitaram a aplicação de novos materiais. Com o novo estilo de construção baseado na utilização desses materiais viabilizados pelas indústrias, os arquitetos brasileiros tiveram liberdade na escolha e aplicação destes, sobretudo nas casas modernas.

Portanto, a relação entre a antiga tradição de construção e a nova forma de construir, estaria essencialmente conectada e expressada na velha sabedoria que simplificava as soluções para atender às necessidades atuais da época, quanto no racionalismo da tecnologia moderna. Com essa ligação entre passado e presente, colonialidade e modernidade, o caminho que mobilizou a épica memória coletiva nacional passou pelos contornos conceituais que nortearam a nova forma arquitetônica, o que levou, à difusão da Arquitetura Moderna no Brasil. Com isso, o movimento moderno marcou fortemente a história da arquitetura, criando uma leitura essencialmente brasileira, construtiva e determinante ao mesmo tempo. Esta nova linguagem da arquitetura representada não só em construções prediais, mostrava também sua representatividade nas residências modernas do país.

## **A BRASILIDADE DE COSTA “BRASIL MODERNO”**

Como criador de várias obras na história da arquitetura, famoso orador, historiador e literato, Lúcio Marçal Ferreira Ribeiro Lima Costa, também conhecido como Lúcio Costa, exerceu um papel fundamental na cultura, arte, educação e arquitetura, promovendo ideias construtivas e progressistas para a arquitetura no Brasil. Osório (2012), salienta que Costa, dentro da sua metodologia profissional impunha de amplo vocabulário, apresentando desta forma uma variedade de expressões idiomáticas: Lúcio Costa humanista, Lúcio Costa teórico, Lúcio Costa patrimônio, Lúcio Costa de Brasília e outras.

Com a construção do conceito moderno, com a combinação étnica e cultural, fato peculiar à formação social brasileira na época, as artes e a literatura desse conceito construtivo, inspirou as gerações que deram continuidade à produção moderna no Brasil. A evolução da cultura nacional se formou através de diferentes vertentes desde a: literária, artes plásticas em geral e principalmente a arquitetônica, que representou um fator positivo para o desenvolvimento nacional do país. A imagem do Brasil moderno, um país de cunho promissor, é consolidada nesse período com a política cultural para a arquitetura, destacando o Brasil no que concerne à Arquitetura Moderna.

O Brasil moderno surge com o movimento modernista, que gerou uma nova fase estética, rompendo tendências e padrões das antigas tradições do país, não se limitando apenas a arte moderna, arquitetura e literatura de uma forma geral, mas também, com o amadurecimento e evolução de ideias construtivas da

modernidade ligadas à tecnologia, economia, áreas sociais e artísticas. Agora surgia uma arquitetura exata, uma arquitetura da racionalidade, coesa e determinante, proposta pelas ideias de Le Corbusier e outros intelectuais da época, adotadas por Lúcio Costa. Uma arquitetura baseada nos meios de construção, principalmente no concreto, aço e vidro. Disciplinada pelas exigências da função, com formas mais limpas, com a presença de retângulos e quadrados, refletindo na realidade atual, ou seja, no momento onde esta arquitetura estava acontecendo na época e que nas técnicas construtivas e atuais daquele momento não era mais tolerado o historicismo.

Esse novo modelo de sociedade de transformação da arquitetura pode-se estar representado por frases épicas como: “a forma segue a função” frase de Louis Sullivan do final do séc XIX, segundo Stott (2015), dava início ao movimento moderno, ou seja, se é funcional estabelece-se então a forma. A forma depende da função, apresentando uma arquitetura mais purista. Em seguida, outra frase, “Ornamento e crime” de Adolf Loos, final do século XIX e início do século XX, que segundo Rawn (2016), apontava o desejo de romper com a tradição ornamental na arquitetura em favor da simplicidade. Segue ainda referindo que o próprio Le Corbusier considerava o ensaio Ornamento e Crime “uma limpeza homérica” da arquitetura, revelando a amplitude de seu impacto na ideologia moderna. No momento que a sociedade estava vivendo naquela época, o ornamento não era mais relevante, além de onerar os custos dos projetos arquitetônicos.

E “menos é mais” do arquiteto Mies Van Der Rohe, para Uribe (2020), foi influenciado pelos novos conceitos vanguardistas de ortogonalidade, abstração e fluidez espacial, utilizando técnicas estruturais avançadas e pureza no desenho de suas futuras obras, alcançando a máxima expressão de seu estilo, prezando pela simplicidade, pelos detalhes e pela elegância da arquitetura. Preservava por formas puras, relação do interior e exterior, utilizando em seus projetos muito o uso do vidro e aço.

Costa teve uma ampla e importante contribuição no desenvolvimento dessa nova arquitetura brasileira. De início suas produções arquitetônicas seguiam uma linha neocolonial no Brasil entre 1920 e 1930. A sua relação com o passado não foi uma prisão, não foi o impedimento principal da sua trajetória na arquitetura, o qual apresentava liberdade, onde referenciava este passado como contributo para a construção de uma nova versão da arquitetura brasileira ligada ao seu tempo. Ainda como exímio representante do movimento neocolonial no início de sua carreira, Costa desvincula-se dos preceitos do movimento e urge neste momento a necessidade de mudar, adotar e construir um novo estilo ligado às ideias modernistas de Le Corbusier. Envereda-se então na busca de uma nova identidade cultural e arquitetônica para o país, através do surgimento do movimento modernista brasileiro, porém com a preocupação de um passado lembrado no presente como forma de proteger a construção da nação, mas sem a submissão a este passado (BRUAND, 2012).

Por que Lúcio Costa rompeu com o neocolonial? Qual insatisfação apresentou nesta arquitetura? De acordo com a argumentação de Neto (2009), indaga que as respostas estão vinculadas à sintonia do arquiteto com a necessidade de incorporar a classe popular, materialmente, e como expressão cultural, na trajetória de construção da nação.

Foi a partir de 1929 que Costa, conforme Bruand (2012), começou a introduzir-se na linha da arquitetura ligada à modernidade, assim como buscou inovação através do uso de novos materiais como o concreto armado. Tendo a postos a necessidade de uma nova arquitetura, percebeu-se que poderia trazer como bagagem do colonialismo, o emprego de materiais já utilizados como: a madeira, a pedra e a telha canal na cobertura, com a junção de materiais modernos como o concreto armado, o vidro e o aço. E Para Neto (2009), foi com esta abordagem que a contribuição do arquiteto teve o propósito de situar a Arquitetura Moderna no Brasil, numa visão mais ampla com relação à produção da arquitetura e as construções nacionais da época.

Em 1930 após associar definitivamente o movimento moderno no afamado texto “Razões da Nova Arquitetura”, Neto (2009) ainda relata que, Lúcio Costa retirou da ornamentação a possibilidade de qualificar a arte minimamente, pondo-a numa frivolidade plástica em baixo grau, o qual diz:

Quanto à ausência da ornamentação, não é uma atitude, mera afetação como muitos ainda hoje supõem – parece mentira – mas a consequência lógica da evolução da técnica construtiva, à sombra da evolução social, ambas (não será demais insistir) condicionadas à máquina. [...] O ‘enfeite’ é, de certo modo, um vestígio bárbaro – nada tendo a ver com a verdadeira arte, que tanto se pode servir dele como ignorá-lo (COSTA, 2018, p. 115).

Sua práxis sofreu variações significativas nas primeiras décadas da sua vida profissional, na descrição de Brito (2014). Mediante seu conjunto de obras, estas passaram por modificações constantes e aumentos expressivos no decorrer da década de 1920 a 1930, consolidando-se na década de 1940. Diferente do que acontecia no período anterior, o início de 1930, marcado pela modernidade, apresentava características que estavam vinculadas aos preceitos de Le Corbusier; livre de ornamento, os cinco pontos presentes: fachada livre, pilotis, terraço jardim ou teto jardim, janela em fita e planta livre, utilizados por Costa em seus projetos, mas com a preocupação de resguardar o tradicional, sem necessariamente imitá-lo, utilizando-se dos meios propícios existentes no Brasil.

A modernidade no Brasil trouxe grandes avanços, tanto na estética, como na técnica de construção, com a predominância de linhas geométricas simples, mais puras e em destaque a presença do aço, vidro e o uso do concreto armado. Com isso a casa moderna no Brasil, com base corbusiana transportada à linguagem local da época, trazia as ideias futuristas de Le Corbusier, onde um dos seus princípios era a adequação do homem frente a construção futura de acordo com o crescimento das cidades (COSTA 2012).

A ruptura com o neocolonial como algo já esperado, gera uma intensa polêmica entre José Mariano Filho e Lúcio Costa, o qual envereda-se por um caminho fundamental para a construção da nacionalidade brasileira. Costa (2018) em “Registro de uma vivência”, como referência a este período e por compatibilidade eletiva ao discurso corbusiano, descreve:

A clientela continuava a querer casas de “estilo” – francês, inglês, “colonial”, - coisas que eu então já não conseguia mais fazer. Na falta de trabalho, inventava casas para terrenos convencionais de 12 x 36 m – “Casas sem dono”. E estudei a fundo as propostas e obras dos criadores, Gropius, Mies van der Rohe, Le Corbusier – sobretudo este, porque abordava a questão no seu tríptico aspecto: o social, o tecnológico e o artístico, ou seja, o plástico, na sua ampla abrangência (COSTA, 2018, p. 83).

Lúcio Costa neste momento era considerado um profissional da arquitetura nacional, que orientava os aspectos do futuro respeitando o passado, a importância da materialidade e a valorização do conjunto arquitetônico era uma preocupação corrente, sem esquecer que o mesmo trazia em seu âmago ideias modernas já enraizadas FRANÇA (2012).

Toda a sua trajetória profissional, foi de grande contributo para desenvolvimento do país, rompendo as barreiras da arquitetura não inovadora, dando à arquitetura brasileira uma reputação de cunho internacional e nacional com as ideias progressistas para o país.

Os projetos residenciais modernos, apresentam livre expressividade e se comunicam entre si, com o meio e com o homem, fazendo parte integrante dos valores e sentimentos afetivos do ser humano em seu lar doméstico, através do bem estar, intimidade, descanso e socialização, com o uso dos materiais disponíveis na época e sobre os preceitos de Le Corbusier, alinhado à realidade brasileira, portanto as obras de Costa expressadas nas residências, trouxeram em seu conjunto obras de grande representatividade para o país, seja em sua fase neocolonial ou na fase moderna (CARLUCCI, 2006).

Costa de forma construtiva e tradicionalmente, buscava a nacionalidade ao mesmo tempo que a racionalidade, com uma grande diversidade de elementos na Arquitetura Moderna ou melhor, sua aflorada nacionalidade e a diversidade desses elementos característicos, determinavam mais inovação na sua forma de ver a arquitetura. Exemplificou em suas obras que a nacionalidade popular simples e genuína, tinham a mesma formalidade da Arquitetura Moderna, que a engenharia, a construção e as artes em geral (COMAS, 2004).

Com relação ao modo de viver da população brasileira, na fase da Arquitetura desenvolvimentista, foi constituída uma nova forma de morar no Brasil Moderno, a qual estava refletida na residência moderna da época. Esta arquitetura, que apreendia inovadoras visões artísticas procurava uma nova compreensão das qualidades do espaço, o uso da mais recente tecnologia, melhorando a qualidade de vida das pessoas através da abordagem de uma arquitetura mais moderna, com construção das suas habitações integradas em um novo conceito de cidade, consolidada no desejo de transformação da mesma e em uma nova forma de concepção de habitação.

E a partir daí, Lúcio Costa representante das residências modernas brasileiras, idealizava um ambiente onde as pessoas estivessem perfeitamente integradas ao espaço, de modo a lhes garantir lazer, bem-estar, conforto, um espaço para viver abrangendo as novas formas de expressão de morar e estar na sociedade brasileira. Era um arquiteto de visão que enxergava na arquitetura moderna um avanço progressista, deixando um legado de grandes obras para o país.

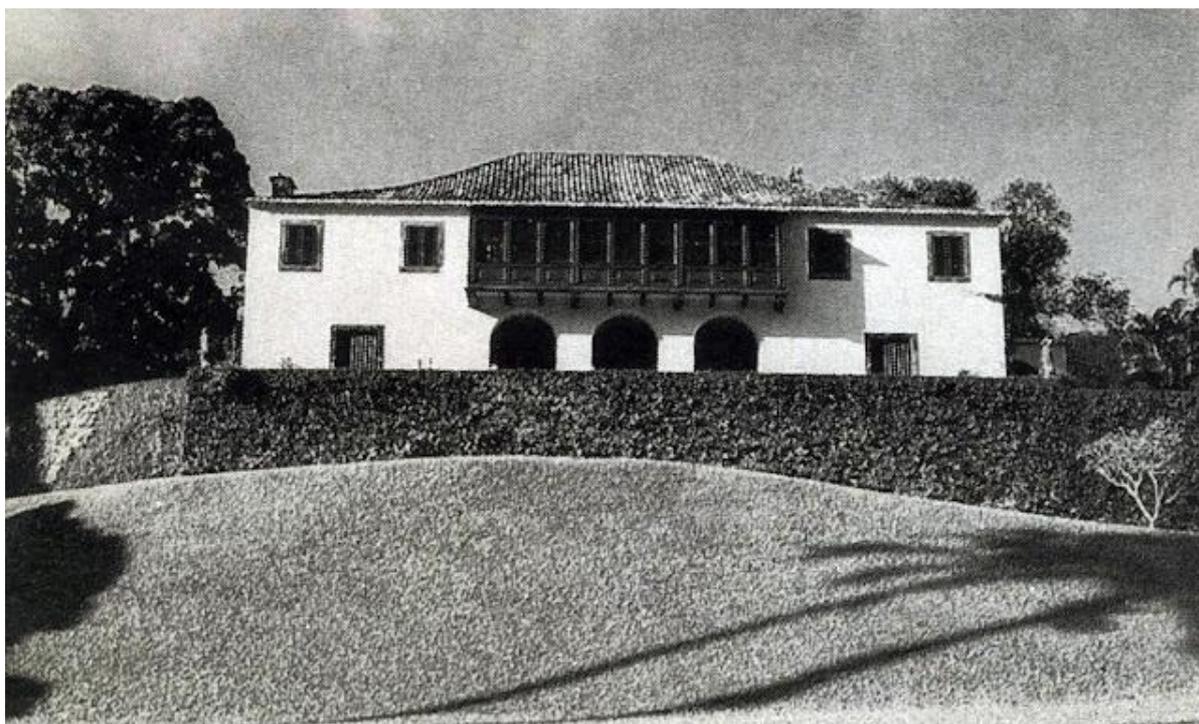
## RESIDÊNCIAS UNIFAMILIARES: DADOS ANALÍTICOS

É na história da arquitetura brasileira, que Costa utiliza-se de dois momentos, de duas linguagens da arquitetura, entre o tradicional e o moderno, representadas nas residências unifamiliares. O presente artigo versa a abordagem da pesquisa, através da coletânea de dados analíticos das residências unifamiliares nos dois momentos, Neocolonial e Moderno.

Tratando-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e histórico, registrada na periodização entre 1930 a 1960, a análise contemplou vinte e seis residências unifamiliares divididas em: cinco neocolonial e vinte e uma moderna, no entanto, evidencia-se para a análise neste artigo, duas residências: a casa Ernesto Gomes Fontes (E.F.) em duas versões (neocolonial e moderna) e a casa de Brasília.

A primeira análise foi estruturada com o estudo da residência E. F. na versão neocolonial (Figura 01), datada entre 1929 a 1930.

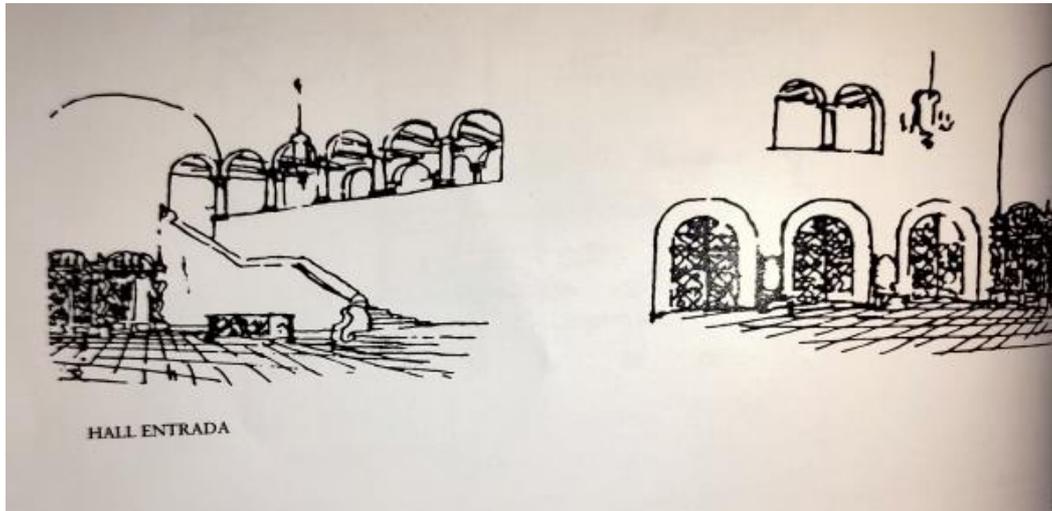
**Figura 1:** Casa Ernesto Fontes – versão neocolonial.



**Fonte:** Costa, 2018.

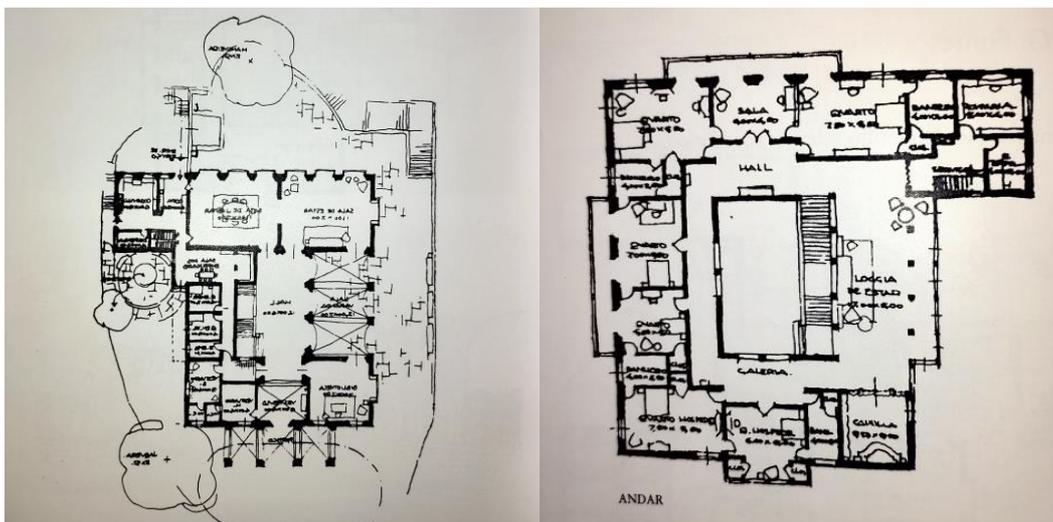
Destacada por Brino e Canez (2014), era constituída por paredes estruturais arcadas (Figura 02) e telhado de quatro águas com um formato mais quadrado. Apresentava uma proposta para dois pavimentos, o térreo estava distribuído pela sobreposição de dois "L", um maior para a área social e o outro menor para a área de serviço e apoio (Figura 03). Já o segundo pavimento estava organizado de uma forma diferente, mesmo com a mesma volumetria mais quadrada tinha no vértice oeste um maior rebuscado (Figura 04). Ainda neste andar havia uma estruturação biaxial meio simétrica, com escada e hall, dois quartos compostos de varanda combinavam com eixo transversal da casa. Já a sala íntima, o vazio do hall e o quarto de hóspedes organizavam-se em outro eixo.

Figura 2: Hall de entrada.



Fonte: Costa, 2018.

Figura 3 e 4: Projeto do térreo e andar da casa Fontes.



Fonte: Costa, 2018.

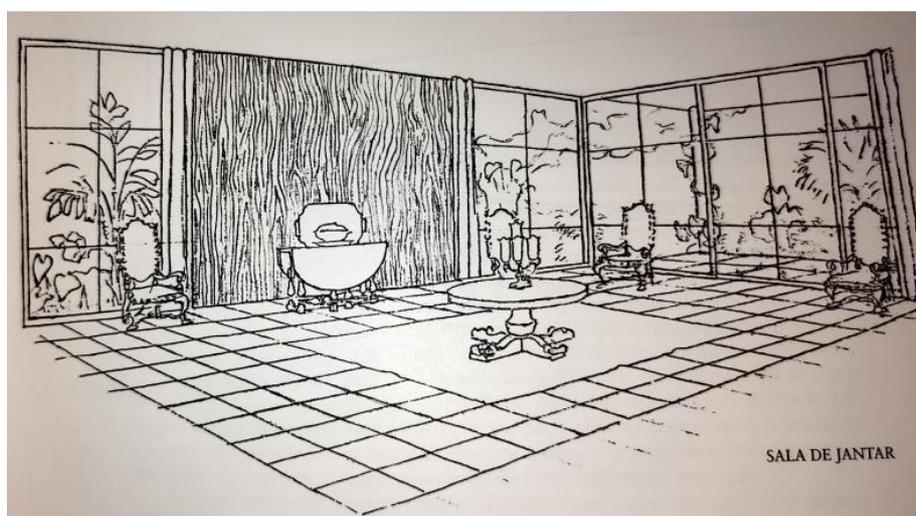
Na proposta neocolonial deste projeto, Lúcio fez uso dos muxarabis coloniais nas duas fachadas da casa, de acordo com Carlucci (2005). Para a fachada frontal, a principal, utilizou caixas treliçadas em madeira fechando os quartos, um pouco parecidas com o muxarabis. Para a fachada posterior o muxarabi aparece novamente, fazendo dessa vez o fechamento de um ambiente que seria uma continuação natural, onde idealizou sugestivamente a “loggia de estar”, por assim dizer, um nicho ou varanda cercado por treliça. Por outro lado, a capela lateral bandeirista sobe para o segundo pavimento, um amplo espaço central passa a ser um hall oitocentista majestoso, um espaço apenas para a circulação, em vez de ser um espaço de convívio.

Costa, já alinhado ao movimento modernista, fez uma segunda opção do projeto para apresentar ao proprietário, mas a ideia sugestiva de Lúcio não convenceu e nem foi do agrado do mesmo, onde optou pela a primeira versão do neocolonial, sem a participação efetiva de Costa na construção. Na análise desta casa como opção moderna (1930 a 1935), Comas (2001) relata que, a mesma apresentava alguns elementos típicos do período colonial do Brasil, mas Lúcio com o uso da criatividade, incorporou os elementos perceptivos da Arquitetura Moderna. Linhas mais retas com horizontalidade, grande expressividade em espaços vazios com o uso de estruturas independentes, abertos ou com vidros e presença da simetria total ou em parte, tanto nas fachadas e plantas, estavam presentes nesta fase. No seu interior encontrava-se paredes claras, lisas, as vezes com vidro ou revestimento de lambris e outras vezes esquadrias com venezianas;

presença de colunas que, em um momento pareciam alinhadas e em outro soltas. Ainda na fala de Comas (2001) refere que, Lúcio utilizava-se de sua brasilidade, mesmo com um diálogo entre o antigo e novo, havia a questão da originalidade, uma nova forma de se fazer vivaz na arquitetura moderna brasileira nesta residência. Afirma que a bravura corbusiana estava propensa a contenção e a brasileira de Costa ia mais além.

Conforme Carlucci (2005), a utilização de eixos de composição foi uma tendência de simetria nesta versão. Na sala de jantar, Lúcio projetou colunas que se inspiravam com a presença de vidros nas janelas corridas, típicos dos elementos da modernidade arquitetônica (Figura 05).

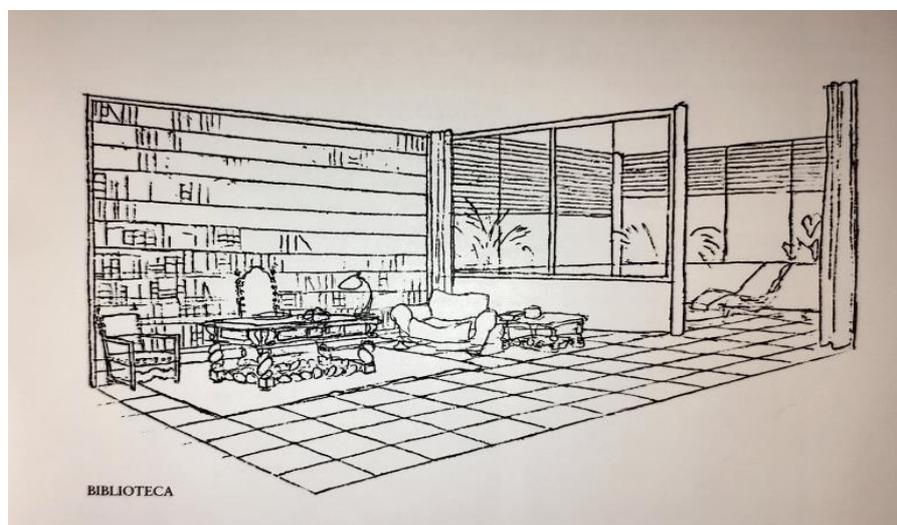
**Figura 5:** Sala de jantar.



**Fonte:** Costa, 2018.

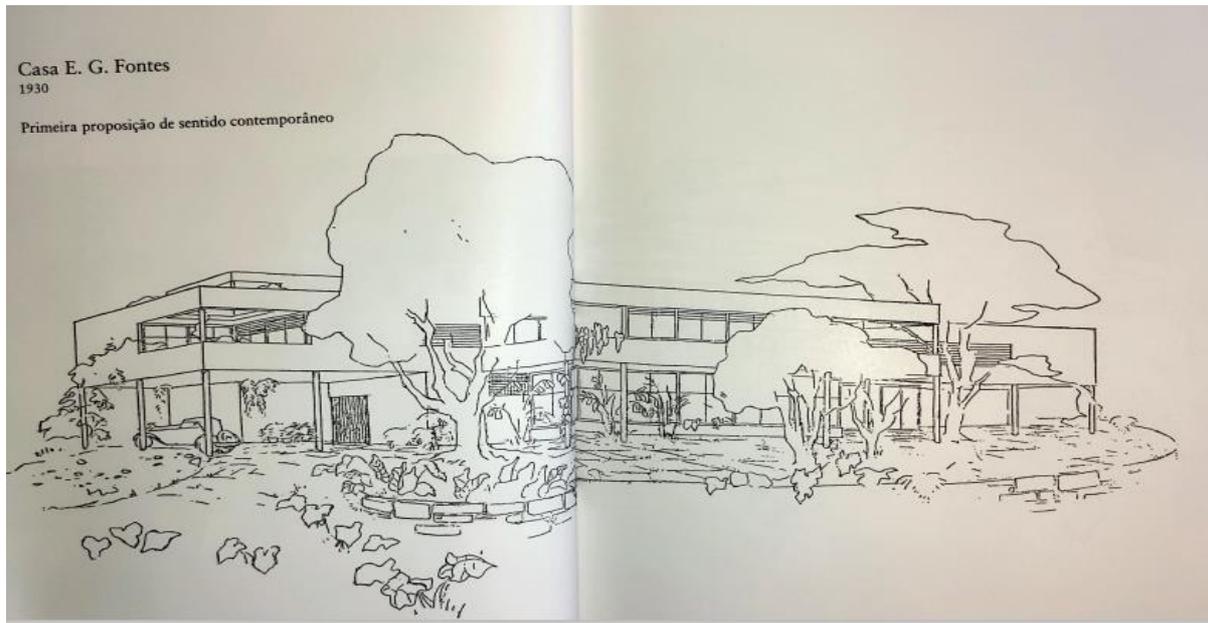
Criou uma biblioteca dividida em dois ambientes, para leitura e descanso (Figura 06). A vegetação era uma proposta que se fazia presente e via-se em volta das janelas por trepadeiras e frondosas árvores no entorno da casa, que emolduravam a volumetria de suas fachadas externas. A preocupação de Costa, que se manifestava neste projeto, já se fazia presente em seus trabalhos, quanto a preservação ambiental, a manutenção do espaço verde, identificando a nova forma de construir, o modo de pensar sobre a relação entre a arquitetura e a natureza, o qual seria uma constante em suas obras (Figura 07).

**Figura 6:** Biblioteca.



**Fonte:** Costa, 2018

Figura 7: Vegetação em torno da casa.

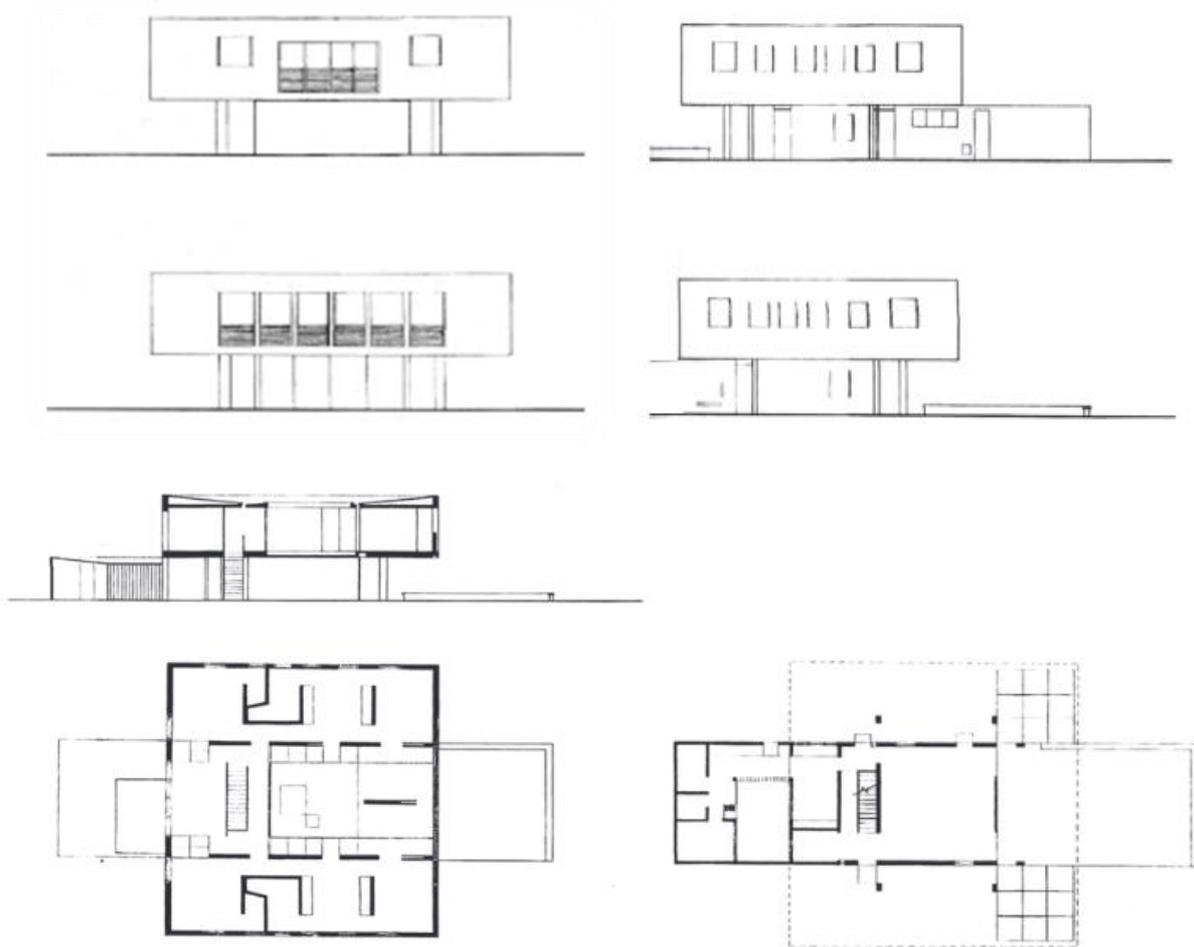


Fonte: Costa, 2018.

Na segunda análise foi escolhida a casa de Brasília (Figura 08), datada entre 1956 a 1960 e também descrita como Residência de Maria Elisa e Helena Costa, filhas do referido arquiteto. No projeto, Lúcio deixa transparecer que a casa apresentava dois pavimentos, com frentes envidraçadas, pátio interno e composta estruturalmente com mais simplicidade, funcionalidade e integração. Para Heck (2005), é pouco plausível tentar delinear uma linha divisória entre as realizações, pois a dimensão do tempo revela-se com mais relatividade e constância do que linearidade e passagem, e esta independência relacionada com a temporalidade é demonstrada nesta casa.

Ainda Heck (2005) retrata que este projeto remetia uma pureza inédita, refere que Costa se utilizou de volume prismático com base quadrada, em um plano elevado com o uso dos pilotis e acima, um outro corpo retangular e simétrico, em vez dos telhados aparentes e dos elementos vernaculares. Mesmo que os desenhos do projeto não mostrassem exatamente os ambientes, entendia-se que na parte térrea havia uma sala de estar com toda frente envidraçada, como também continha uma cozinha; presença de um pátio interno nivelado à parte superior que, proporcionava ideologicamente uma ventilação e melhor iluminação às dependências de serviço e apoio, com fachadas laterais composta por portas e poucas janelas; foi projetada uma escada transversal com acesso ao segundo pavimento estruturada em volta do pátio e o que parece, havia um registro projetual de um retângulo, o qual podia ser uma piscina no lado oposto da casa, (Figura 8).

**Figura 8:** Projeto da residência de Brasília (Plantas, cortes e elevações).



Fonte: Heck, 2005.

Heck (2016), em outro artigo relata que, Lúcio com soluções mais independentes neste momento projeta a residência para as suas filhas de forma simples e exemplar, dando um intervalo na contribuição vernacular, com estruturas autônomas e aberturas mais simplificadas. No segundo andar os ambientes da área íntima estão em volta de um pátio e as quatro águas projetam-se para dentro, encobertas por uma platibanda e para Carlucci (2005), a residência de Brasília apresentava um pátio interno de uma densa volumetria e era pelo pátio que os habitantes teriam acesso a casa, sendo este, um espaço externo servindo de meio para articular-se a outros ambientes, porém esta obra residencial, não passou de um projeto realizado por Costa, infelizmente, sem ser construída.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arquitetura brasileira não deve ser considerada apenas a partir de marcos específicos, mas compreendida como um processo de amadurecimento que aconteceu aos poucos, impulsionado por vários episódios na história da arquitetura, como o início do movimento neocolonial no Brasil, com sua importância para época, mas também já revelando a partir daí, indícios do surgimento de uma nova arquitetura, através de vários questionamentos e pensamentos de intelectuais e profissionais, em uma nova forma de construir no Brasil.

Surgia Uma arquitetura com ideias de não mais expressar a reprodução dos padrões estrangeiros, mas sim, a busca de um novo modo de fazer arquitetura, de sua própria identidade, de sua brasilidade, em meio a

mudanças sociais, as conquistas tecnológicas e uma vontade estética decorrente das particularidades da cultura brasileira, bem como aos acontecimentos políticos e econômicos existentes no país, respaldada na utilização de meios existentes no Brasil com as adaptações que se faziam necessárias.

Neste momento, Lúcio Costa evidencia sua representatividade de forma significativa para a construção da Arquitetura no Brasil. Foi uma personalidade que contribuiu para a construção da nacionalidade do país, levando a sua afirmação enquanto profissional diferenciado para a sociedade brasileira. A exemplificação da singularidade de seus trabalhos, os discursos modernos, a sua funcionalidade e racionalidade, proporcionaram um respaldo técnico e intelectual significativo, com sua atuação representada através da expressividade da monumentalidade, de simbolizar o poder e os moldes de organização da sociedade no contexto da modernidade brasileira, expressa na forma de: **O Brasil de Lúcio Costa**.

Contudo as variações encontradas na arquitetura brasileira, adotada por Costa, quanto às técnicas, os elementos utilizados e o meio social, mostrou uma beleza em comum, tanto nesta nova arquitetura, quanto na do passado, do tradicional ao moderno. É irrefutável a importância de Lúcio nestes momentos, através das suas residências, que se consolidou e se destacou na produção arquitetônica do país.

Portanto, conclui-se que na análise deste artigo, mostrou-se de forma explicativa e descritiva, o contributo de Costa na arquitetura, seja na vertente neocolonial ou moderna, revelando como ele projetou, criou aspectos e pensamentos sobre a arquitetura brasileira, através das suas obras no que concerne às residências unifamiliares, como representação do seu legado arquitetônico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALESSI, Edilene Silveira; PERRONE, Rafael Antonio Cunha. *Viagens de Lúcio Costa – Desenho como ferramenta de investigação das raízes da Arquitetura Brasileira*. III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2014. Em **rede** [https://www.anparq.org.br/dvd-enparq-3/htm/Artigos/SC/ORAL/SC-PCI-011\\_ALESSI\\_PERRONE.pdf](https://www.anparq.org.br/dvd-enparq-3/htm/Artigos/SC/ORAL/SC-PCI-011_ALESSI_PERRONE.pdf). Acesso em: 29 set. 2022.

BRINO, Alex Carvalho; CANEZ, Anna Paula. *Casas com e sem dono: ruptura, diferenças e recorrências em Lúcio Costa*. III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo arquitetura. São Paulo, 2014. Em **rede** [https://www.anparq.org.br/dvd-enparq-3/htm/Artigos/ST/ST-CDR-019-01\\_BRINO.CANEZ.pdf](https://www.anparq.org.br/dvd-enparq-3/htm/Artigos/ST/ST-CDR-019-01_BRINO.CANEZ.pdf). Acesso em: 22 nov. 2022.

BRITO, Samuel Silva de. *Lúcio Costa, o processo de uma modernidade. Arquitetura e projetos na primeira metade do séc. XX TOMO II de 2 Tomos*. Universidad Politécnica de Catalunya - Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona. Em **rede** <https://1library.co/document/ynxo710q-lucio-costa-processo-modernidade-arquitetura-projetos-primeira-seculo.html>. Acesso em 04 nov. 2022.

BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012. 398p.

CARLUCCI, Marcelo. *As casas de Lucio Costa*. 2005. Dissertação (Mestrado em Tecnologia do Ambiente Construído) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, p. 236. 2005.

CARLUCCI, Marcelo. *A mão na obra: artesanato e arquitetura residencial em Lucio Costa*. 2006. Em **rede** [http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02\\_eventos/coloquio2006/comunicacoes/carlucci.htm](http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_eventos/coloquio2006/comunicacoes/carlucci.htm). Acesso em 04 nov. 2022.

CARVALHO, Édis Evandro Teixeira de. *A Arquitetura Neocolonial: A Arquitetura como afirmação de nacionalidade*. 2002. Dissertação (Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2002.

CHEREGATI, Jesus. *Estruturas formais: casas modernas brasileiras*. Goiânia, 2010, 176p. Em **rede** <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/11035>. Acesso em 20 out. 2022.

CONDURU, Roberto. *Entre histórias e mitos. Uma revisão do neocolonial*. Arquitectos, Vitruvius, set. 2006. Em **rede** <https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.093/3025>. Acesso em: 15 nov. 2022.

- COELHO, Yeska. *Arquitetura moderna: o que é história e suas características*. Abril/CASACOR 2021. Em rede <https://casacor.abril.com.br/arquitetura/arquitetura-moderna/>. Acesso em: 20 fev. 2022.
- COELHO, Yeska. *Semana de Arte Moderna de 22 completa 100 anos, mas o que foi o evento?* Abril/CASACOR 2021. Em rede <https://casacor.abril.com.br/arte/semana-de-arte-moderna-de-22-o-que-foi-o-evento/>. Acesso em: 20 maio 2022.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. A Arquitetura de Lúcio Costa: uma questão de interpretação. In: **Um modo de ser moderno: Lúcio Costa e a crítica contemporânea**. NOBRE, Ana Luiza (et al.). São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 18-31.
- COMAS, Carlos Eduardo Dias. **Precisões Brasileiras Sobre um Estado Passado da Arquitetura e Urbanismo Modernos**. 2002. 341 f. Dissertação (Doutorado), (traduzida pelo autor), Universidade de Paris VIII, Paris, 2002.
- COMAS, Um Eduardo Carlos Dias. **Comas: depoimento**. Revista *Arquitexto*, p.12, 2001. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/135118/000336427.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.> Acesso em: 16 nov. 2022.
- COSTA, Lúcio. Razões da nova arquitetura. In: **Registro de uma vivência**. São Paulo: Editora sesc, 1ª ed. 2018, p. 110-115.
- COSTA, Lúcio. **Registro de uma vivência**. 1. Ed. São Paulo: Editora Sesc, p. 646, 2018.
- COSTA, Ana Elísia da. **Janelas Modernas: Materialidade das aberturas na arquitetura moderna de Caxias do Sul**. Rio Grande do Sul: UCS, 2012.
- FRANÇA, Luara Galvão de. **Patrimônio brasileiro, produtor de presença: a criação do SPHAN em 1937 e o presente espesso como cronótopo contemporâneo**. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- HECK, Márcia. **Casas Modernas Cariocas: 1930 - 1960**. Programa de Pesquisa e Pós-Graduação – Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul, Faculdade de Arquitetura. Rio Grande do Sul, 2005.
- HECK, Márcia. **As Casas Cariocas e a Arquitetura Moderna**. In: 5º seminário DOCOMOMO Brasil, 2016, São Carlos. 5º Seminário Docomomo Brasil, 2016.
- KESSEL, Carlos. O Movimento Neocolonial e a Preservação do Patrimônio. In: **Anais do Museu História Nacional**, Volume 33. Rio de Janeiro: IAB, 2001. p. 173 - 188.
- LAGO, André Corrêa do. **Brasil, 1914-2014: modernidade como tradição**. Pavilhão do Brasil na Bienal de Arquitetura de Veneza 2014. *Arquitextos*, Vitruvius, dez. 2014. Em rede <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.175/5380>. Acesso em: 01 jun. 2022.
- NERY, Juliana Cardoso. **Falas e ecos na Formação da Arquitetura Moderna no Brasil**. 2013. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e urbanismo Salvador, 2013.
- NETO, Napoleão Ferreira da Silva. **LÚCIO COSTA E A NAÇÃO – A construção da nacionalidade brasileira através da arquitetura**. 2009. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) – UFC. Fortaleza, 2009.
- OLIVEIRA Ana Slade. **As experiências eclético-acadêmicas de Lucio Costa - uma lacuna na história da arquitetura no Brasil**. Cadernos Departamento de Projeto de Arquitetura da FAU-UFRJ /PROARQ 21, 2014. Em rede [https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq\\_21-070.pdf](https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/public/docs/Proarq_21-070.pdf). Acesso em: 10 mai. 2022.
- OSÓRIO, Matheus Nunes. **Lúcio Costa. O projecto Moderno**. 2012. Dissertação (Mestrado integrado em Arquitectura) – Faculdade de Arquitectura- Universidade do Porto-FAUP, 2011/2012.
- RAWN, Evan. **"Em foco: Adolf Loos"** [Spotlight: Adolf Loos] 10 Dez 2016. ArchDaily Brasil. (Trad. Baratto, Romullo). Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/758902/em-foco-adolf-loos>.> Acesso em: 27 maio 2022.

SILVA, J.S.; GIELFE, S.E. *Prefeitura Municipal de Bauru e a aplicação dos cinco pontos da nova Arquitetura*. Departamento de Arquitetura e Urbanismo – UNIFIO Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos, 2019. Em **rede** <http://www.cic.fio.edu.br/anaisCIC/anais2019/pdf/03.37.pdf>. Acesso em: 8 out. 2022.

STOTT, Rory. "**Em foco: Louis Sullivan**" [Spotlight: Louis Sullivan] 03 Set 2015. ArchDaily Brasil. (Trad. Baratto, Romullo). Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/626678/em-foco-louis-sullivan.>> Acesso em: 27 maio 2022.

URIBE, Begoña. "**Em foco: Mies van der Rohe**" [En perspectiva: Mies van der Rohe] 27 Mar 2020. ArchDaily Brasil. (Trad. Baratto, Romullo). Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/01-185940/feliz-aniversario-mies-van-der-rohe.>> Acesso em :27 maio 2022.